

Título	Marina Rheingantz	Autor	Paula Borghi
Data	2012	Artista	Marina Rheingantz
Publicação	BORGHI, Paula. <i>Marina Rheingantz</i> . In: <i>Programa de exposições 2012</i> . São Paulo: Centro Cultural São Paulo.		

---

## Marina Rheingantz

Em 1951 John Cage visitou a câmara anecóica da Universidade de Harvard, capaz de isolar todo e qualquer tipo de ruído externo, para obter uma perspectiva de “silêncio total”. Contudo, ao entrar na câmara deparou-se com a impossibilidade de escutá-lo, devido a presença de ruídos inesperados de seu próprio corpo, como por exemplo seu batimento cardíaco e o som do sangue que corria em suas veias. Uma experiência que me leva a supor que a única forma do “silêncio total” existir dentro desta câmara é na ausência de vida, o que indica que ele não se (h)ouve.

Um ano após sua experiência com a câmara anecóica, Cage compôs uma de suas mais famosas obras, o concerto 4'33". Trata-se de uma audição que contou com um conjunto de instrumentos que não foram tocados durante quatro minutos e trinta e três segundos, formando uma composição de sons ambiente ouvidos pelo público durante a audição. Uma composição silenciosa, ao mesmo tempo que concebida por ruídos.

Ao olhar as pinturas de Marina Rheingantz aqui expostas, imagino o barulho silencioso das coisas. Penso que a luz elétrica possa ter um som parecido ao do sangue correndo nas veias, que a tempestade deva ser tão potente quanto um respirar ofegante, que uma pilha de cadeiras se equilibrando uma sobre as outras possa soar como as juntas que nos mantêm de pé e assim por diante. Busco no silêncio das telas da artista o barulho que a sustenta, perturba, incomoda e se faz imagem. Coqueiros, cadeiras e lâmpadas em um constante movimento “congelado”. Imagens de um instante eternizado.

Há um silêncio ruidoso também na forma como as pessoas vêem a mostra de Marina, em como elas se posicionam diante suas pinturas; imóveis e caladas. Não há sorrisos, quem dirá risadas. Não há ironia e nem sequer meias palavras. Os espectadores parecem estar em um concerto musical, onde qualquer som pode causar uma pausa. São trabalhos melancólicos como o Blues e ao mesmo tempo “felizes” por construir uma pintura plena de variedade melódica, harmônica e rítmica. Pois é em meio a esta dicotomia entre silêncio e musicalidade, movimento e estaticidade que sua exposição se equilibra.

Em seus trabalhos não encontramos vida humana, apenas objetos e paisagens. Imagino como seria difícil para um personagem viver em meio a tanta solidão. Neste sentido, a artista opta pela figura humana como platéia, não como companhia de ateliê. Creio que seu ateliê deva ter algumas cadeiras, todas vazias, embora muitas pessoas já se sentaram nelas. O modelo vivo não tem voz em sua produção, é apenas um vestígio.

É rodeado por este estado de ausências que o espectador não se encontra em suas pinturas. Tal como no concerto de Cage, onde instrumentos não são tocados e a platéia torna-se música, Marina faz do objeto representado a presença do personagem “ausente”. É nesta “loucura” de linguagens que ela nos “convida” a nos sentarmos em suas cadeiras, todavia nos deixando em pé, já que é uma honra ser aplaudido de tal forma.